

DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE: OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ

Submetido em: 11/6/2024

Aceito em: 14/9/2025

Publicado em: 3/3/2026

Edinaldo Enoque da Silva Júnior¹

Jenerton Arlan Schütz²

Marcos de Moraes Sousa³

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.16082>

RESUMO

À luz das juventudes contemporâneas, o presente artigo objetiva compreender como se dá a constituição do “eu”. Face ao objetivo, indaga-se: como o mundo globalizado e seus produtos, sejam eles físicos ou virtuais, influenciam na constituição da identidade dos jovens? Para dar conta da pergunta, realizou-se a pesquisa de abordagem qualitativa com a participação de 20 jovens, todos estudantes, dentre os quais: 10 são de escola pública e 10 oriundos de escola privada, todos na faixa etária de 15 a 17 anos, de uma cidade localizada no Extremo

¹ Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SEED/SC). Santa Catarina/Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6939-7948>

² Universidade Católica de Brasília – UCB. Brasília/DF, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-3603-7097>

³ Instituto Federal Goiano - Campus Rio Verde/GO, Brasil. University of Kent - Kent Business School, United Kingdom, UK. <https://orcid.org/0000-0002-0901-0550>

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Oeste de Santa Catarina. A forma de compreender a questão supracitada e que dá sentido à pesquisa, contou com perguntas abertas e fechadas sobre o tema. Além disso, outro método escolhido foi o de um grupo focal, em que, durante cinco encontros, realizou-se conversas sobre a mídia, as redes sociais, os relacionamentos, a influência que as redes sociais têm sobre os estudantes e o quanto isso influencia na constituição das identidades. Nesse sentido, pode-se concluir que o atual momento em que as juventudes vivem é uma época existencial diferente daquela das gerações passadas, quando a preocupação com um reconhecimento de si e um fazer-se reconhecer era muito mais perceptível.

Palavras-chave: Globalização. Identidade. Juventudes.

**DIALOGUES ON IDENTITY:
THE CHALLENGES OF YOUTHS IN TIMES OF LIQUIDITY**

ABSTRACT

In the light of contemporary youth, this article aims to understand how the constitution of the “I” takes place. In view of the objective, it is asked: how does the globalized world and its products, whether physical or virtual, influence the constitution of young people's identity? To answer the question, a qualitative approach research was carried out with the participation of 20 young people, all students, among which: 10 are from public schools and 10 from private schools, all aged between 15 and 17 years, from a city located in the extreme west of Santa Catarina. The way to come to understand the aforementioned question and that gives meaning to the research, had open and closed questions on the subject. In addition, another method chosen was that of a focus group, in which, during five meetings, conversations took place about the media, social networks, relationships, the influence that social networks have on students and how much it influences them in the constitution of identities. In this sense, it can be concluded that the current moment in which young people live is an existential period different from that of past generations, when the concern with self-recognition and making oneself recognized was much more noticeable.

Keywords: Globalization. Identity. Youths.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

1 INTRODUÇÃO

*O que sabemos nós de nós? Sabemos como o espírito que nos
guia se lhe chama (é uma questão de nomes)? Quantos espí-
ritos habitam em nós?*
(NIETZSCHE, 2005, p. 78).

Sem dúvida, as novas gerações vivem [...] valores hedonistas.
(MAFFESOLI, 2006, p. 156).

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos.
(FREUD, 1996, p. 35).

O presente artigo tem por objetivo compreender como se dá a constituição da identidade nos jovens no contexto contemporâneo. Num mundo cada vez mais globalizado, em que a linha que separa o que é global do que é local é cada vez mais tênue, em que a formação do “eu” está cada vez mais desvinculada de laços tradicionais, a saber, familiar ou comunitário, tematizar a formação da identidade é fundamental sob diversos aspectos. Do ponto de vista educacional, por exemplo, a compreensão da identidade juvenil é importante para que ações educativas sejam mais concretas e direcionadas, principalmente no que se refere às escolhas de conteúdos e a forma de apresentá-los aos alunos.

A globalização leva aos espaços regionais entre tantas outras coisas, a informação e interatividade; aspectos que impactam diretamente no modo como os alunos enxergam as aulas que lhes são ministradas. Junto com o grande fluxo de informação oriunda da *internet*, que tira ou compete com o professor o *status* da autoridade do saber, ter conhecimento e saber utilizar tais recursos dá ao professor maior segurança, e isso, direta ou indiretamente, impacta também na constituição de sua identidade de ser-fazer professor.

Sob outro aspecto, o conhecimento sobre a constituição da identidade juvenil, relacionada à globalização do mundo, auxilia na compreensão de que a escola é cada vez mais um espaço heterogêneo de formas plurais de ser e agir, isto é, na forma grupal e individual, pois as formas de identificação e comportamento dos jovens estão cada vez mais vinculados a um mundo e a uma realidade às vezes muito mais distante do que a realidade local consegue produzir, por exemplo, o mundo dos animes, das séries de *streaming*, dos mangás, dos esportes, da música etc., para citar apenas alguns exemplos.

Noutro sentido, a globalização e tudo que a cerca, passa a obrigar a instituição escolar a ter um olhar mais delicado sobre questões que são de cunho pessoal, como nome social, questões de gênero, raciais, dentre outras, que em um passado recente nenhum diretor

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

ou coordenação pedagógica sonhou em precisar lidar. Questões estas mudam também a própria identidade da escola, que deve ser mais aberta e cada vez mais intercultural.

Do ponto de vista familiar, compreender como se dá a constituição da juventude se faz importante pois, com muito mais recursos e muito mais conhecimento disponível, a relação entre pais e filhos tende a ser mais dialógica e menos verticalizada, devido a questionamentos e modos de ser e pensar que fogem das influências do seio familiar e que vão caracterizando o núcleo familiar com maior heterogeneidade.

Na mesma direção, do ponto de vista pessoal, compreender como se dá a formação da identidade é fundamental, pois é comum acharmos que tudo o que nos cerca é fundamental de algum modo, principalmente durante a juventude, quando se tende a agir movido por emoções e impulsos. O conhecimento, mesmo que incipiente da forma como a identidade se constitui, dá ao jovem ferramentas que o ajudará a identificar o que realmente é importante em sua vida e como as coisas que o envolvem interferem no seu modo de ser e agir, a saber, como o conhecimento sobre a constituição da identidade evita que muitos jovens cresçam na condição de simples coletores de sensações, como lembra Bauman (2003), ou se o fizerem, que seja de modo consciente.

Cabe destacar que o conhecimento da formação da identidade juvenil pode e é muito utilizado pelos meios de comunicação de massa e, principalmente, pelas redes sociais, que fazem desse conhecimento um ativo a mais para a formação de consumidores, de produtos físicos como um tênis usado por uma dita celebridade, por exemplo, como consumidores de conteúdos de redes sociais. Portanto, ter o conhecimento ou, pelo menos, o embasamento da formação da identidade juvenil e, como se lida com esse conhecimento, é também uma forma ou um ato de resistência.

No entanto, como tudo que é sólido se desmancha no ar, vale destacar que a identidade não está no particípio, mas sim no gerúndio e, como tal, ela está sempre em movimento, o que nos limita apresentar um quadro definitivo sobre identidade, mas vale o movimento e esforço aqui empreendido, uma vez que a pesquisa realizada diretamente com jovens, ajuda a compreender como uma parcela de jovens da região do Extremo Oeste Catarinense, notadamente da cidade de São Miguel do Oeste, compreende e enxerga a formação da sua identidade nessa relação entre o global e o local.

DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE: OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ

Entende-se como juventudes, aquelas não delimitadas pela idade, mas constituídas por um período de transformações, de maneira imanente ligada ao contexto, aos marcadores sociais, ao que se passa na vida de cada jovem, dos jovens. Destarte, entre vários fatores possíveis nessa construção social, pode-se elencar momentos históricos, estereótipos, múltiplas referências, pertencimento aos distintos grupos ou tribos (Corrêa; Euclides; Cunha, 2022).

Não obstante, a pergunta norteadora é: De que forma o mundo globalizado e seus produtos, sejam eles físicos ou virtuais, influenciam na constituição da identidade dos jovens? A pesquisa de abordagem qualitativa teve a participação de 20 jovens, todos estudantes, dentre os quais: 10 são de escola pública e os outros 10 oriundos de escola privada, todos na faixa etária de 15 a 17 anos. A forma de compreender a questão supracitada e que dá sentido à pesquisa, contou com perguntas abertas e fechadas sobre o tema. Além disso, outro método escolhido foi o de um grupo focal, em que, durante cinco encontros, realizou-se conversas sobre a mídia, as redes sociais, os relacionamentos, a influência que as redes sociais têm sobre os estudantes e o quanto isso influencia na constituição das identidades. Ademais, importa destacar que as iniciais dos nomes apresentados são fictícias em função de manter a anonimidade dos participantes da pesquisa.

O resultado da pesquisa está diluído ao longo do texto, acompanhado de autores que fundamentam este artigo, entre eles, Bauman, Harvey, Lyotard, Singly, Giddens, Maffesoli, Hall, Debord, Touraine, Lahire, Kaufman, Artaud entre outros. Em suma, na primeira parte apresenta-se um quadro teórico geral sobre a identidade e a globalização e, num segundo momento, são apresentados os resultados da pesquisa realizada com os estudantes e as teorizações dos respectivos interlocutores.

2 A GLOBALIZAÇÃO E AS INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Parte-se da ideia apresentada por Hall (2003) e Bauman (1999), para quem, a globalização tende a enfraquecer os traços identitários próprios de uma localidade dando margens às ressignificações de vários tipos, ou seja, os jovens estão mais expostos a neutralizar identidades tradicionais tendo em vista o amplo acesso ao mundo globalizado. Ou, como lembra Hall (2003), colocadas acima do nível da cultura regional, as identificações globais

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades individuais imprimindo a marca da homogeneização. Na esteira do pensamento de Giddens (2002), a reorganização de tempo e espaço, os mecanismos de desencaixe e a reflexividade da modernidade supõe propriedades universalizantes que explicam a natureza fulgurante e expansionista da vida social moderna em seus encontros com práticas tradicionalmente estabelecidas.

Nesse sentido, é possível inferir que é a partir dessas práticas universalizantes da modernidade que se procura compreender como se dá a constituição, ou a crise de identidade dos indivíduos localmente encontrados no espaço regional aqui enfatizado. Face ao exposto, é preciso compreender quais são as forças centrífugas e centrípetas que fazem desses jovens, segundo Michel Maffesoli (2006), hedonistas por excelência. O que torna essa geração uma geração do consumo, das relações distantes, das redes sociais, da moda, da marca ou do espetáculo, fazendo uso de uma célebre palavra cara a Debord (1997), mas também ligadas aos problemas ambientais, políticos, sociais e econômicos. Analogamente, Bijos (2002) considera que o fenômeno da globalização precisa ser analisado como uma transformação do espaço e do tempo, confrontado por questões que desafiam as premissas fundamentais do próprio sistema.

Discutir identidade, portanto, é um típico sinal de que ela está em crise, é o que afirma Mercer *apud* Hall (2003, p. 09), “[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Na Idade Antiga, Média ou Moderna, não se debatia a identidade, não havia necessidade de se discutir, entender ou debater uma coisa que era tida como desnecessária. Os romanos sabiam-se romanos, os escravos sabiam-se escravos, assim como os nobres, os servos e os religiosos, por exemplo. Até a Segunda Guerra Mundial, a divisão também era muito clara. Ao fazer uso de uma expressão marxista, podemos dizer que existia, claramente, burgueses e proletários.

Todavia, a partir das volumosas transformações sociais a partir dos anos de 1960, a sociedade entra em um processo de transformação social, individual e coletiva, em que a identidade emerge como tema importante de pesquisa e debate. Uma resignificação identitária social e subjetiva que está muito além das fronteiras geográficas, que se estende da alma ao ciberespaço pelos ventos midiáticos, do consumo, perpassando pela cultura de massa,

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

pelo trabalho, pelas relações sociais, pessoais e por transformações, que segundo Alain Touraine (1997), já não são mais econômicas ou políticas, mas sim culturais. Entramos, conforme o mesmo autor, na era das culturas que permitem a maleabilidade de identificações oriundas das diversas culturas e lutas culturais existentes no mundo.

Graças aos processos de globalização, problemas culturais, sociais e econômicos influem em nossa identidade, bem como os produtos e os processos produzidos em larga escala pelos meios de comunicação como um todo. Por que estes influem? Porque concomitante às transformações globais no espaço regional, há uma rarefação das relações tanto comunitárias, sociais ou individuais nos processos de subjetivação e da constituição da personalidade baseado naquilo que Artaud (1982) chama de eu interior. Outrossim, o processo de aceleração das relações espaço temporais limitam esse diálogo interno que, junto ao enfraquecimento ou distanciamento das relações pai e filho, no âmbito da família, dificultam a construção daquilo que Giddens (2002) denomina de segurança ontológica.

Não obstante, pela maleabilidade da cultura juvenil nesses tempos líquidos, é difícil saber até quando as conclusões ora elencadas terão validade. Ademais, como afirma Bauman (2009a, p. 22), “as habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente à engenhosidade e destreza de um prestidigitador”. Artaud (1982), considera que os jovens parecem cada vez mais sitiados e propensos por razões externas e, por isso, se esqueceram cada vez mais e mais cedo de si mesmos, pois, “[...] não sendo permitido penetrar no interior de si próprio, será necessário ramificar-se no exterior, definir-se em função das exigências de um meio, e por fim, deixar que as suas próprias razões de viver sejam determinadas por outros” (Artaud, 1982, p. 51). Ao não saber se, de fato, há existência, de afirmar não passar de um ser manipulado, de só se preocupar com a marca, com a moda, de se ver cercado no universo dos outros e não do seu eu, ou ainda, se não saber se passa de uma simulação ou um simulacro, as citações dos alunos da epígrafe que inicia este artigo, entram sem saber em uma das grandes inquietações de Baudrillard (2008, p. 147):

O corpo já não é concebido a não ser como substância informática. Nada se opõe a reprodutividade serial. É o fim do corpo, de sua história e de suas peripécias. O indivíduo torna-se a metástase cancerosa de sua fórmula básica. Copulação do Mesmo com Mesmo, sem passar pelo Outro. A alteridade, como tudo o mais, caiu sob a lei do mercado, da oferta e da procura.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Desse modo, percebe-se que, em certa medida, as identidades oferecidas no mercado global, em detrimento de outras possibilidades de descoberta do eu, facilitam a produção em série de pseudoautenticidades bem aos moldes do mundo-cópia de Lipovetsky (2011). E isso nos faz crer que somos possuidores de identidade, quando na verdade possuímos uma fotocópia do que é vendido como tal. Infelizmente como todo produto vendido em nossos dias, tal cópia é altamente degradável. Destarte, não passamos de simples marionetes de um sistema que causa acima de tudo, um desejar pelo desejar e que quer, acima de tudo, desejar ainda mais o desejo? Ou seja, uma vida de satisfação orgástica do puro princípio de prazer como escreve Bauman (1999), prioritariamente ao consumo e ao prazer? O tipo de identidade que se confecciona em nossos dias não passa de uma identidade ilusória, quando afirmamos ser algo, nada mais somos do que produto e objeto do mercado de estilo global? O que é aquilo que afirmo como meu eu, afinal? Bauman (2003) afirma que viver nos dias de hoje é uma verdadeira arte. Para Kaufmann (2004), a identidade, no mundo contemporâneo, torna-se um processo contínuo, pois, a questão identitária, resultou, historicamente, da degradação das comunidades, libertando um indivíduo constrangido a autodefinir-se. Nesse sentido, é precisamente porque há ‘crise’, vacilação das referências de identificação de si mesmo, que se desenvolveu com tanto vigor a busca identitária. A vida transforma-se em doença identitária crônica.

Nesse sentido, o indivíduo adulto, ou filho de pais destituídos de sua identidade comunitária ou ontológica, tende a buscar sua identidade alhures e, nessa busca, vai receber diversas influências externas. Segundo Lahire (2001, p. 39), essas influências externas entram em contato e formam aquilo que ele chama de *stock*, ou seja:

A partir do momento que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, no seio da **pluralidade** de mundos sociais **não homogêneos**, e por vezes mesmo **contraditórios**, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então estamos perante um ator com estoque de esquemas e ações ou hábitos não homogêneos, não unificados e com **práticas consequentemente heterogêneas** (e mesmo contraditórias), que variam conforme o contexto social no qual ele será levado a evoluir. Poderíamos resumir o nosso discurso dizendo que **todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está submetido a princípios de socialização heterogêneos e por vezes contraditórios que ele incorpora** (grifo nosso).

Logo, quanto maior for o *stock* de uma pessoa, maior será a negociação entre o que vem de fora e o que já está interiorizado, e assim desenvolveríamos processualmente nossas identidades. Ademais, é preciso ressaltar, neste ponto, um dado importante e nodal na nossa

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

exposição. A constituição do universo regional pesquisado, região sul do Brasil, foi caracterizada pela xenofobia, hermetismo, isolamento e tradicionalismo comunal até bem pouco tempo. As palavras grifadas na citação acima, como: relações contraditórias, pluralidade, heterogenia, até hoje são muito pouco ouvidas, praticadas e aceitas pelos mais velhos. A crise de identidade que observamos na região pesquisada é a da denominada meia idade. Desse modo, parece-nos que ainda não há no espaço pesquisado uma quantidade significativa de pluralidades ao ponto de dar aos indivíduos habitantes da região, relações contraditórias reais para possam incorporar princípios de socializações contraditórias e, consequentemente, um aumento positivo e significativo de *stock*.

Muito embora haja maior relação dessas categorias (pluralidade, heterogenia) com a vida dos mais jovens, essa relação de identidade e busca não dialoga com universo físico do espaço regional. O passado histórico está cada vez mais distante. Assim, as coisas parecem configurar gradativamente e de forma veloz a sentença fatídica de Bauman (2009b), vagando de um episódio a outro, vivendo cada um deles de olhos fechados para suas consequências e mais ignorante ainda em relação a seu destino, guiada pelo impulso de apagar a história passada, e não pelo desejo de traçar o mapa do futuro, a identidade está presa para sempre no presente. Agora lhe foi negada sua significação permanente como alicerce do futuro. A identidade luta para abraçar coisas ‘*sem* as quais não se pode estar nem ser visto’ hoje, embora totalmente consciente de que, muito provavelmente, estas se transformando em coisas ‘*com* as quais não se pode estar nem ser visto’ amanhã. O passado de cada identidade está salpicado de latas de lixo em que foram despejadas, uma por uma, as coisas indispensáveis de dois dias atrás, transformadas nos fardos incômodos de ontem.

Concorda-se com as exposições de Lahire (2001) e Kaufmann (2004), tanto que se presencia no universo pesquisado e nas pesquisas com os alunos, uma doença identitária, devido ao fato de não se conseguir ainda articular *stocks* (Lahire, 2001) de relações plurais e heterogêneas a ponto de superar essa crise e vir a articular a constituição de uma identidade regional ou individual e, assim, nova. No plano da subjetividade há uma relação muito rasa entre o eu externo com um emergir identitário que parta de dentro, as relações de identificação estão marcadas pelo âmbito estético baseadas no consumo.

O que a pesquisa de campo nos mostrou é uma dificuldade, às vezes impossibilidade, dos jovens negociarem seu *stock* com a quantidade de experimentações propostas pelas

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

influências externas. Percebemos que em muitos casos não há um armazenamento de experiências ao nível de uma possível solidificação mesmo que temporária. Os *stocks* são de materiais altamente degradáveis.

3 O LANÇAR E RECOLHER ÂNCORAS: A IDENTIDADE E A JUVENTUDE

Em linhas gerais, observa-se na constituição das identificações juvenis, a presença maciça da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa no processo de (des)organização identitária na vida desses jovens. Se a identidade comunitária (que se esvai) já não responde mais aos anseios dos jovens, ao mesmo tempo em que muitos pais desses jovens também se encontram em crise pelas mesmas questões que as de seus filhos (ausência de bases sólidas de valores, enfraquecimento dos laços conjugais, familiares, dúvidas existenciais, entre outros), poder-se-ia indagar de como é possível, no plano da razão prática, organizar a identidade?

Segundo Touraine (1997), os elos que a sociedade local ou nacional estabelecia por intermédio das instituições, da língua, da educação, entre a nossa memória e a nossa participação impessoal na sociedade de produção, enfraqueceram, deixando-nos gerir, sem mediações e sem garantias nossa experiência. Isto faz pesar sobre cada um de nós uma dificuldade crescente de definir nossa personalidade que, com efeito, perde irremediavelmente toda a unidade à medida que deixa de ser um conjunto coerente de papéis sociais. Muitas vezes, esta dificuldade é tão grande que não a suportamos e procuramos escapar a um eu demasiadamente fraco, demasiadamente dilacerado, através da fuga, da autodestruição ou da diversão esgotante.

O que vivenciamos diariamente é um sistema que apela cada vez mais para a des-subjetivação das memórias locais e das pessoas, não se preocupando com uma subjetivação numa relação entre o global e o local. Está voltado, pelo contrário, cada vez mais para um consumo irrefreável e por constituições de si, mercadologicamente dadas e fadadas à obsolescência. François de Singly, um grande estudioso sobre a identidade contemporânea, escreveu (2003, p. 110):

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

A pertença não é suprimida na sociedade moderna; é transformada, idealmente, numa pertença escolhida. [...] O indivíduo tem a possibilidade de lançar a âncora, bem como de levantá-la ao longo de seu percurso biográfico. Estabilidade e movimento sucedem-se. Esta alternância possível permite uma renovação eventual de si próprio e sobretudo a sensação de liberdade e, por consequência, um certo domínio da vida.

Na invenção de si, o lançar e recolher âncoras são elementos importantes no processo identitário. O indivíduo nesse processo disporia da liberdade e autonomia de lançar âncoras quando aquele modelo de identificação específica lhe for agradável. No entanto, sempre haveria uma identidade biográfica, um projeto de si norteador, um pano de fundo de um eu maior. Desse modo, as sensações das quais se refere Bauman seriam coletadas até segunda ordem, ordem essa advinda do indivíduo navegador e da sua saciedade.

Logo, o sujeito, inventor de si, seria um coletor de sensações conscientes. Quando não mais lhe interessasse as representações que coletara, levantaria âncora e zarparia até outros portos, bem ao estilo tribal apresentado por Maffesoli (2006). O saldo disso tudo é um indivíduo mais rico de estoque de relações e mais maduro.

O que não nos parece claro, tanto em Maffesoli com as *tribos*, em Kaufmann com o *processo de si*, em Singly com as *âncoras*, é a partir de que idade biológica, biográfica ou psicológica, o indivíduo estaria apto a jogar e levantar âncoras por aí. Por que realizamos esse questionamento? Porque sabemos que cada vez mais cedo as crianças têm acesso ilimitado aos mais diversos expedientes que influenciam e reformulam seus modos de ser e agir. E pelos desabafos, os jovens não se sentem muito à vontade com essa liberação identitária, pelo contrário se sentem oprimidos e indecisos. Segundo E. N 16 anos:

Eu não sei onde existe um 'eu' interior em mim, mas sim apenas o que as outras, superiores e mais velhas querem. Várias influências fazem com que o 'eu' de nós desaparece aos olhos da sociedade [...] por essas influências a maioria das pessoas estão a caminho de nunca mais lembrar de seu eu acabando a fazer o que não gostam e não querem para agradar os outros.

Nesse sentido, como explica Artaud (1982, p. 30):

[...] observamos que a separação não cessa de se acentuar então entre o nosso eu de verdade e aquela personagem social que acreditamos ser realmente nós mesmos. Assemelhamo-nos àquelas pessoas hipnotizadas que acreditam saborear uma laranja enquanto mastigam uma cebola, ou procuram por todos os meios protegerem-se de uma chuva imaginária. Adotando, dessa forma, os modos de adaptação vigentes no nosso meio social acabamos por renunciar à nossa individualidade e por sacrificar o que há de único em nós.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Com as transformações da comunicação global, as pessoas têm acesso ilimitado aos acontecimentos do mundo. Uns com mais; outros, com menos frequência, mas em geral, acaba-se participando dessa dança chamada globalização. A globalização acelera aquilo que Alain Touraine (1997) chama de historicidade, ou seja, a capacidade de a sociedade agir sobre si mesma modificando-se e modificando-a. Quando se indaga se haveria uma idade determinada para que o indivíduo lance e recolha âncoras nos diversos universos de identidades possíveis, é justamente porque a historicidade dos espaços geográficos “distantes” está cada vez mais agindo sobre si mesmo, ou seja, estão cada vez mais se historicizando.

Isso parece não ser um grande problema, mas devido a globalização, a historicidade dos espaços distantes (ainda em percurso) repercute, ainda que de forma incompleta, na historicidade local, devido ao acesso informacional e comunicacional. Não obstante, isso afeta diretamente os espaços regionais de tal modo que as influências das diversas historicidades globais, inconclusas, que chegam até nós, dificultam uma autoavaliação e autoafirmação de nossa própria historicidade. Consequentemente, o lançar e o recolher de âncoras é um trabalho altamente arriscado e angustiante, ainda mais em um momento em que os valores regionais se diluem. E, ao fugir um pouco do plano meramente filosófico, um dos agentes causadores da historicidade no mundo líquido moderno, como sabemos, é a globalização. Ela traz consigo milhões de portos onde os jovens podem lançar e recolher âncoras livremente.

Cada vez mais aquilo que se denominava de comunidade, no sentido de Tönnies (1947), está desaparecendo. A supressão espaço-temporal de Harvey (1989) é uma constante cada vez maior. Os jovens estão aqui, mas os núcleos irradiadores de identidades possíveis estão muito distantes, e o controle por seu turno está cada vez mais limitado. Quando comparados com jovens de grandes centros, é possível observar que os jovens pesquisados estão afastados fisicamente de muitas coisas, mas virtualmente eles comungam dos mesmos gostos, dos mesmos *hits*, das mesmas roupas e dos produtos dos balcões da moda. Ao afirmar que a instabilidade e estabilidade se sucedem, Singly (2003) nos propõe que os indivíduos, ao sair de suas ancoragens provisórias, refletem sobre suas perdas e ganhos e em seguida preparam-se para novas experiências. O que percebemos, no entanto, é que a juventude pesquisada está muito mais parecida com o que afirma Stuart Hall (2003), o sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas e que o tempo para reflexão está cada vez menor, senão

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

inexistente. Ao contrário, no entanto, do que nos afirma Singly (2003) sobre a reflexão de perdas e ganhos.

Pensamos agora no caso de L.K.H (citado abaixo), que não sabe quem é ou se pensa. Uma crise de identidade parecia normal não fosse a inexistência de identidade. A presente pesquisa mostra que nos grupos focais e nos textos escritos sobre identidade apenas dois afirmam a existência de uma identidade biográfica, um eu verdadeiro ou de um projeto de vida como sugere Sartre e, J. K. S de 17 anos, é uma delas:

Primeiramente você tem que saber quem você realmente é, e o que você realmente quer. Apesar da personalidade ser um conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, a individualidade pessoal e social de alguém, muitas pessoas não conseguem desenvolvê-la sem que outra opinião externa seja acrescentada. Particularmente eu acho que todo mundo que siga um determinado estilo e uma identidade deve fazer suas próprias escolhas, aquilo que é melhor para si mesmo, afinal ninguém deve saber o que é melhor para você do que você mesmo.

Importante frisar que não se concorda com a ideia de um eu enraizado, de estilo comunitário. Somos a favor de um eu plural, com *stock* de experiências que possibilitem relações construtivas do sujeito. Além disso, acredita-se que diversas experimentações identitárias são mais positivas do que negativas, desde que haja espaços de subjetivação. Nessa direção, cada vez mais esse espaço é a escola, que infelizmente parece não se mostrar apta a discutir questões dessa envergadura. A identidade, ou então, a constituição e reconhecimento de si e do Outro como ser humano, é ponto capital num período em que as pessoas parecem distanciar-se cada vez mais de si mesmas e se voltarem para um mundo cada vez mais estetizado e efêmero. Quiçá, não se falasse mais de identidade como sugere Touraine, mas sim de Sujeito de Ação (Touraine, 1997). Ideia essa ainda combatida pela dificuldade que o próprio conceito de identidade e de Sujeito carregam. No entanto, uma possível valorização da busca do sujeito em detrimento da proposta identitária pode ser mesmo assim trabalhada. O que se busca entender aqui é como os jovens estruturam suas identidades em relação às suas subjetivações e relações externas nas quais estão inseridos.

Desse modo, também se concorda com Singly (2003) que a identidade é um processo, que quanto mais o indivíduo tem contato com o que o cerca maior será a possibilidade de aumentar seu capital cultural e, em consequência, organizar sua ação. O que a pesquisa nos aponta, entretanto, é a dificuldade de isso acontecer mesmo entre alunos com amplos acessos culturais e financeiros. A escola surge como a mais importante via de *intermezzo*

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

entre juventude e sociedade. Os pais, conforme muitos dos pesquisados, não sabem quase nada do que os jovens fazem. Bem como Bauman afirma (2003, p. 46): “não há mais nas ações juvenis atuais guardas, babás, vigilantes de condomínio, nem pan-ópticos”. Na obra *Vida em fragmentos* (2011), Bauman afirma que os indivíduos são no mundo líquido moderno por essência coletores de sensações. As sensações, segundo Bauman (2011), estão relacionadas diretamente com o consumo.

Não podemos deixar de destacar que o consumo é o maior influenciador nas transformações identitárias dos nossos entrevistados. As propagandas, os produtos, as falas, os trejeitos, os jargões têm um papel tão imenso na vida desses jovens que muitos deles mudam de grupos de amigos e de identidade de acordo com a audiência de programas e seriados. Mudar de amigos e de identidade conforme interesses musicais, estilos de roupas, esportes, também é comum. Um bom exemplo foi a ‘febre EMO’ (*emocore* – estilo de rock voltado para o sentimentalismo e caracterizado pelas roupas pretas usadas pelos adeptos do estilo. Para ficar mais claro ao leitor, basta lembrar-se das bandas brasileiras atuais como *Fresno* e *Restart*, por exemplo). Entre os entrevistados todos conheciam há dois meses ou mais vários EMOs na escola. Inquirido se ainda existiam EMOs na escola, atualmente a resposta foi não e muitos que eram tem vergonha de ter sido. Ademais, o que chama atenção é que a família e a escola são para esses jovens vistos de forma positiva, mesmo quando a família é acusada de abandono, como em muitos casos. Isso remete novamente a Alain Touraine (1997), quando o autor propõe a ideia de Sujeito de Ação. Segundo Touraine, para resistir, ou se relacionar de forma ativa e não passiva ao mercado e ao comunitarismo (o Eu enraizado), elementos dessubjetivam e alienam o indivíduo, aposta-se na emergência do Sujeito e se afirma que as duas categorias sociais que possibilitaram a emergência do Sujeito são como indiretamente afirmaram os jovens dessa pesquisa, a escola e família.

Se a identidade é um processo, então ela não atinge a todos do mesmo modo. Não podemos generalizar ao afirmar que todos os jovens são frutos processuais de metamorfoses identitárias. Os que se dizem seguros de si apoiaram sua ancoragem na família e em um projeto de vida bem aos moldes de Sartre quando afirma que o que falta nos indivíduos modernos é um verdadeiro Projeto de Vida e que em torno desse projeto as pessoas se constituíram como sujeitos. Segundo B. G de 16 anos: “*minha família sempre me influencia no que eu sou. Tenho amigos, frequento redes sociais, uso roupas da moda, mas meu eu tenho*

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

base familiar, meu pai e minha mãe são meu chão e não reclamo disso". Nos debates focais, leu-se um texto muitíssimo interessante intitulado: *Jaulas da Sociedade* e, após a leitura, uma aluna de 16 anos, T. M afirmou:

Se pararmos para pensar, nós não pensamos. [...] vivemos em uma sociedade alienada onde tudo gira em torno da falsa razão, da mídia que controla tudo o que vemos. Agora eu lhe pergunto: a sua vida é como os MEMES do facebook? Se você é como eu, eu acho que não. Mas para muita gente é. Tudo hoje é 'curtir e compartilhar'.

E termina: *"quantas vezes você fez certas coisas só para agradar e não pelo seu próprio eu? E se faço isso na escola, vai mudar no trabalho, na faculdade, quando se casar? Eu acho que não"* (T. M. – 16 anos). É importante destacar o grau de argumentação desses jovens. É claro que se utiliza sempre a terceira pessoa do plural: *eles*, às vezes *nós*, e raramente *eu*. Mas o interessante é o nível de leitura social que possuem e a influência dessas articulações sociais nas suas constituições como indivíduos. Não obstante, ninguém se colocou como vítima do sistema, como não sabendo o que fazem, porque fazem e como fazem. Como vimos, Lahire (2001) utiliza o termo *stock* para designar o substrato que as diversas relações sociais originam e são utilizados, mais ou menos, consciente ou inconscientemente no fazer-se pessoa. Observa-se no geral certa desorganização em articular esses *stocks* de modo que a experiência passada pudesse servir de mecanismo de defesa em relação a apelos de consumo e *status* ou como o indivíduo pudesse construir uma identidade de si mais consistente.

Quanto maior a desordem interna, maior é a possibilidade de realizar ações impulsivas e deixar o indivíduo se perder em incongruências. Novamente, podemos afirmar com base nos autores estudados, que a identidade é um processo, porém um processo de constante mutabilidade entre os jovens. Mesmo trocando de identidades, levantando e jogando âncoras, as identidades vão, mas fica o indivíduo enquanto pessoa, talvez mais enriquecido e fortalecido ou, talvez não, conforme Artaud (1982, p. 30): "adotando, dessa forma, os modos de adaptação vigentes no nosso meio social acabamos por renunciar à nossa individualidade e por sacrificar o que há de único em nós [...]". Seguindo esse raciocínio, I. B. 16 anos e N. C. 17 anos, afirmam que *"a possibilidade de termos múltiplos 'eus', por um lado pode ser benéfica, pois podemos nos encaixar em diversos grupos, mas, por outro lado, nos leva a ter dificuldades em definir quem realmente somos"*.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Já para outra aluna, A. B. 15 anos:

A possibilidade de ter várias identidades pode ser benéfica, de certa forma, porque aumentamos a possibilidade de **agradar a todos** (grifo nosso). Mas, ao mesmo tempo, acabamos deixando de assumir uma identidade própria, de ser quem somos realmente, só para agradar alguém, ou para ingressar em um determinado grupo social.

Para A. B. (supracitada), há a preocupação em agradar a todos, todavia, não foi só ela que demonstrou uma imensa preocupação em agradar aos outros e ser aceito em nossa pesquisa. Perguntado se era excluída de alguma forma, se sofria *bullying* respondera que não, mas que para evitar críticas dos colegas era melhor não arriscar se expor demais. De afirmações desse tipo, recorre-se novamente ao que Giddens chama de segurança ontológica. Segurança essa que encontramos cada vez menos nos jovens entrevistados, uma ânsia por aceitação e uma constante insuficiência é muito marcante. A segurança ontológica é construída desde tenra idade pelos pais, “ser ontologicamente seguro é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, ‘respostas’ para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca” (Giddens, 2002, p. 49). Em consequência do enfraquecimento da segurança ontológica, outro importante aspecto são as máscaras sociais. Conceito que se encontra na maioria dos casos, e é outro campo enorme no universo juvenil, como na resposta de A. B: “*agradar a todos e ser aceito nos diversos grupos sociais*”. Mesmo quando afirma que uma miríade de identidades ou de possibilidade de tê-la é boa, não é para aumentar seu *stock*, mas sim para ser aceita e agradar.

Logo, quando Lahire afirma que a heterogeneidade é positiva para o aumento de *stock*, é preciso analisar se não surgem com isso problemas psicológicos graves. Segundo Castells (1999, p. 23): “[...] não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece”. Tem-se uma pista de porquê e por quem as transformações identitárias acontecem em grande medida no mundo jovem.

L. D. de 12 anos sobre a pergunta: O que faz você ser você? Ela respondeu: “*Justin Bieber e Selena Gomes*”. Questionada se permanecerá para sempre fã de ambos, respondeu: “*Talvez*”. A força que atrizes, atores, jogadores, cantores e demais *popstars* tem sobre as pessoas já sabemos. Mas o fascínio que isso tem atingido nos dias de hoje é alarmante. Para

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

uma menina de 12 anos, não a única e nem a mais nova, (vimos muitos casos nas redes sociais, com meninas de 11, 10 anos) escrever o nome do seu ídolo à faca na perna beira, uma patologia social.

Não obstante, Edgar Morin estuda em *Cultura de massas no século XX* (2005) o poder de fascínio dos ‘olimpianos’ como ele chama os *popstars* que desfilam charme e glamour pela televisão e, já ressaltava a importância que a TV tem cada vez mais sobre as relações diárias entre as pessoas. Jean Baudrillard (2008) acusa a televisão por essas anomalias que são sacralizadas como cultos às celebridades, em que o incomum passa ser comum e o patológico normal.

Pensando como Baudrillard, podemos encontrar nos *media* uma forte causa da fragmentação do indivíduo em sua busca identitária. B. B. Z. de 16 anos, estudante, assinala dessa forma a crise de identidade em termos de idolatria olimpiana:

Na minha opinião, se uma pessoa se espelha em alguém, em seu ídolo, muitas vezes ela quer ser como ele, ter seu modo de vestir, de falar, de se relacionar, um exemplo são os programas de TV que influenciam as pessoas a copiarem diversos ídolos e estilos.

Aumentou-se muito na última década o nível e quantidade de experimentações. A quantidade de produtos oferecidos, a quantidade de possibilidades do mundo tecnológico e virtual é o maior influenciador dos jovens na pesquisa. O gostar e o desgostar tornaram-se ferramentas imprescindíveis para manter-se vivo na concorrência identitária. Conclui-se, em certa medida, que a identidade se compra, não se constrói. Ter identidades está cada vez mais parecido com alguém que vai a um supermercado em oferta; quem puder comprar mais e expor mais o que comprou estará sempre na frente. Destarte, o corpo se torna o principal veículo de divulgação da identidade, não das ideias, mas da escrita. O corpo-identidade é o objeto da experiência identitária por excelência: Tatuagens, *piercing*, alargadores de orelhas, cabelos degradês, unhas das mais diversas cores e tamanhos, entre uma infinidade de badulaques que se pode usar-descartar, jamais reciclar, este é o promotor identitário juvenil. Se é possível transformar-se em centenas de coisas. Quando parar? Quando esses jovens amadurecerão para uma realidade nem sempre tão colorida como se espera? A presente pesquisa não pretende contrapor jovens a pais e professores. No entanto, como título de ilustração, uma professora em um conselho de classe sentenciou a seguinte informação verbal: “esses

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

jovens de hoje jamais amadurecerão, o futuro para eles não importa, o aqui e agora prevalecerá sempre". Bauman, em *Capitalismo Parasitário* (2010), já afirmava que essa juventude deve ser vista com um olhar diferente da juventude de duas gerações passadas, onde preocupações a médio e longo prazo não fazem parte do dicionário.

Por outro lado, concorda-se com Singly (2003, p. 47) quando o autor afirma que "[...] a imposição de uma identidade dominante a um indivíduo, a que não corresponde à sua situação, é um abuso de poder". Nesse sentido, a partir da pesquisa é possível aferir que a situação dos jovens entrevistados não condiz com a imposição de uma identidade dominante ou de um abuso de poder institucional como acontece no oriente islâmico, por exemplo, que determina o modo de ser, agir e pensar de milhões de jovens. Em outros termos que não o institucional, existe hoje uma identidade dominante que se impõe aos jovens de modo a muitas vezes não corresponder à sua situação? Sim, há. Se, por um lado, a cultura (quanto história), família, escola, religião, está livrando (por enfraquecimento das instituições) esses jovens de certas características, por outro lado, mostram uma dependência profunda para com os meios de comunicação de massa, principalmente a internet, TV, celular e os produtos deles oriundos. As identidades oferecidas por esses meios são muitas. Esses são os meios irradiadores da identidade juvenil contemporânea. Mesmo aqueles que não têm condições econômicas são assustadoramente imprimidos pela identidade dominante do consumidor. Parafraseando Marshall McLuhan (2007), a identidade é o meio.

Como já supracitado, é o status o poder de ter e parecer que caracteriza esses jovens em grande medida aos olhos dos outros. Além disso, é importante permanecer assim pelo maior tempo possível perante os olhos dos outros como um jovem ou uma jovem detentora ou detentor de 'poder identitário', com o intuito de mostrar aos demais o poder de compra de descarte e recompra. A obsolescência programada é um meio de criar e recriar identidades. A representação surge como um elemento também importante na constituição da identidade (se é que ainda podemos usar esse termo) dos jovens. Apresentar ser o que não se é, fazer aquilo que não se gosta para agradar as diversas redes de interação leva esses jovens do mundo líquido moderno a representarem papéis maiores do que conseguem suportar, por isso um motivo de grande angústia entre eles.

Isso fica claro em diversas linhas escritas pelos entrevistados que julgam esse mundo uma verdadeira e cruel peça de teatro onde a atuação (não a atuação no sentido da

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

sociologia da ação, mas no teatral mesmo) surge como algo de extrema importância para a manutenção do viver em juventude. L. C. de 17 anos, aluna do segundo ano do Ensino Médio, afirma que percebe entre a maioria dos seus amigos um falso moralismo, que em dias de festas, por exemplo, quando a máscara social é trocada, de aluno para festeiro, em que não há um superego familiar e/ou escolar, os valores se dissolvem, as contradições se mostram e essas pessoas se transformam. Desse modo, para ela, é difícil falar de um indivíduo centrado que de modo racional e inteligente utiliza seu *stock*, pelo contrário, muito do *stock* (nesse caso as relações entre os amigos, entre as diferentes tribos, entre os estilos musicais e identitários, o poder aquisitivo etc.) não é utilizado da forma mais racional e, sim, muito mais dionisiaca. Completa, *“hoje mesmo, me flagrei pensando na sociedade, confesso que me assustei, parece mais uma peça de teatro, um manipulando o outro. Mas até um teatro é melhor que a vida aqui fora, ao menos no teatro os acontecimentos na maioria das vezes são irreais”*.

Representar é comum em jovens. A imaginação é algo importante para o autoco-nhecimento. Imaginar é criar um mundo paralelo de diálogos e vivências que de uma forma ou de outra fortalecem argumentos, articulações de pensamentos, modos de ser e agir. A subjetivação se dá também pela imaginação. No entanto, quando se vive mais representações do que realidades, quando em relações sociais concretas os indivíduos vivem personagens fictícios ou até mesmo impostos pelos pais, por amigos, namorados, enfim, onde o indivíduo já não é o si mesmo, mas uma bricolagem, uma colcha de retalhos, podemos não pensar o mundo juvenil como um mundo insensível e manipulador como afirma L.C.?

Não se pode generalizar nas respostas a essa pergunta. Observa-se também que alunos com menor articulação identitária, com menor *stock* estão expostos a crise de identidade tanto quanto, ou até mais que os alunos que surfam no universo da representação de si. Não da crise por serem muitos, mas a crise por não ser reconhecido nem como um. Um aluno, ao ler um dos textos sobre o que compõe a rede da sua vida escreveu, simplesmente: *ódio e tristeza*. Ao tentar saber o que levou ele escrever ódio e tristeza como elementos da rede que tece a teia da sua vida ele deixou a entender o sofrimento por não ser aceito em determinados grupos por ser obeso e ruivo. Isso é um problema de alteridade, mas é importante analisar esse problema não somente como um ato infracional de um aluno para com o outro, tomar

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

medidas punitivas e conscientizar da não violência e do respeito. Acredito que o conhecimento sobre identidade, ou crise de identidade, que leva alunos a cometerem atos desse tipo ou levar alunos a escrever ódio e tristeza como elementos importantes da teia da vida deve perpassar pelos professores, bem como pelas famílias para que possam ter instrumentos que possibilitem melhor lidar com esses tipos de transformação comportamental. Talvez um conhecimento maior sobre a questão da identificação juvenil poderia evitar crimes maiores como ataques suicidas de alunos nas escolas. Segundo Kaufmann (2004, p. 206): “Os resistentes à identidade estão num mundo que lhes é próprio, no interior duma sociedade muito diferente, que não os compreende e os ignora. Tanto mais que esse mundo de retraimento é marcado pela invisibilidade e pelo silêncio público”.

Ademais, considera-se que os amigos constituem um dos maiores fatores de identificação. Amigos não somente físicos, mas em grande medida virtuais. As trocas de influências aceleram em muito o processo de construção-desconstrução-construção identitária. Ligado à amizade encontraremos os meios de comunicação de massa, nomeadamente a internet. Nesse sentido, é impossível falar de identidade e crise de referências no mundo líquido moderno sem levarmos em conta, um dos, senão o maior influenciador da identidade juvenil que são os meios de comunicação de massa. Para muitos, todavia, pode parecer um terreno já batido, uma vez que falar da influência dos meios de comunicação de massa sobre a juventude é ponto comum entre a grande maioria dos teóricos sociais. No entanto, as entrevistas permitem mensurar em termos reais essas influências. Nos debates dos grupos focais pôde-se vislumbrar a real dimensão desse impacto na vida dos jovens, que geograficamente, pareciam ainda imunes a certos processos da globalização, mas que serviam de suporte para ações educacionais mais efetivas, talvez menos caseiras.

A influência dos meios é realmente assustadora. O exemplo maior é a abordagem inicial deste artigo, contudo, não é a mais contundente. Das produções oriundas das discussões dos grupos focais sobre a influência dos meios de comunicação de massa sobre a vida juvenil, somente um disse não ser influenciado pelo *mass media*, mas que por outro lado se diz possuir um estilo próprio, diferente. Quando perguntado de onde tirava inspiração para esse estilo próprio, respondeu: *de revistas de moda*. (J.F. 16 anos). Com Durkheim (2002), aprende-se sobre anomia, isto é, um estado de apatia social caracterizado por falta de obje-

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

tivos específicos, de descumprimento das normas sociais, de descaso de si e pouca preocupação com os outros. Em certa medida a vultuosidade das transformações identitárias parece levar muitos jovens a um estado de anomia, de liquefação do sentido crítico e de autocrítica. É possível perceber pouca preocupação dos indivíduos em conhecer-se e em criar barreiras contra as tempestades do mundo midiático. Deixa estar! A preocupação com a influência sofrida com a alienação muitas vezes assumida não é de fato uma das preocupações da grande maioria dos jovens entrevistados. O desejo de ser (no sentido de mais belo, mais atualizado, moderno, etc) de ter e de poder causar uma transfiguração na identidade volátil desses jovens que emergem do eterno desejar como uma superação cada vez maior e mais frequente do princípio de prazer sobre o de realidade.

A subjetivação, segundo Touraine (1997) é fator imprescindível na constituição de um sujeito. Para Touraine subjetivar é se apropriar do que vem de fora e conflitar com o que já se tem dentro, ou seja, um processo íntimo e individual de individuação. Subjetivar é um processo de construção do pensamento sobre si mesmo. Surge das conversas internas de si para si. Um indivíduo conhecedor e sabedor de si mesmo como Singly e Bauman ensinam é um ser individuado. Assim pensa M.H de 15 anos:

Com a velocidade das coisas hoje em dia, o eu está desaparecendo, pois o que mais importa para muitos amigos é o que está de fora, ou seja, o que importa é a aparência. É preciso saber que o se é, e principalmente o que se quer para usar o que é bom do que está aí fora e descartar o resto.

Nem sempre se encontra jovens preocupados em descartar o resto. Observa-se que nas relações juvenis é cada vez mais difícil ou talvez menos frequente o processo de subjetivação, mas sim o contrário, um processo de dessubjetivação sempre crescente. O indivíduo está cada vez menos certo do que se é ou do que o constitui como indivíduo pensante e ativo. Muito frequente é ouvir cada vez mais a afirmativa de que identidade é desnecessária. Encontra-se cada vez mais identificações e projeções oriundas principalmente dos anúncios comerciais, dos programas de TV, e dos astros de cinema⁴. Assim a assertiva de Bauman se

⁴ Como escrevem Strieder e Lago (2016), o contexto atual é marcado pela dissolução da vida em diversas formas-de-vida, ou seja, a vida está presa a rótulos variáveis de acordo com a situação em que o sujeito se encontra. Gordo ou magro, professor ou bombeiro, sexualmente como hetero, homo, bi ou pan-sexual, entre tantas outras formas que, diante da diversidade, impossibilitam a unidade do sujeito em uma forma-de-vida.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

confirma cada vez mais: *os indivíduos se transformaram (ou foram transformados) em mercadorias*. Em outro livro, *Amor Líquido*, Bauman (2004, p. 122), utilizando de uma passagem de Blaise Pascal, explica:

[...] o que as pessoas querem é ser desviadas de pensar no que elas são...por uma nova e agradável paixão que as mantenham ocupadas, como o jogo, a caça, algum espetáculo empolgante...’ As pessoas querem fugir à necessidade de pensar em nossa ‘condição infeliz’, e assim ‘preferimos a caça à captura’. ‘A lebre não vai nos livrar de pensar’ nas formidáveis mas incuráveis imperfeições de nossa condição comum, ‘mas caçá-la vai’.

Acredita-se que a juventude está entrincheirada sem armas e cada vez mais sitiada. O sitiante quer um acordo: que a juventude canalize o que possui de melhor e de mais forte, a juventude e o desejo, para duas coisas. Primeiro: Competir interindividualmente por diferenciação social e que essa diferenciação social seja conseguida pelo e para o consumo. Parece paradoxal falar-se, como supracitado, de individualização e dessubjetivação. Ao se individualizar, o indivíduo, ao invés de sofrer a dessubjetivação teria maiores possibilidades de subjetivação, de proteger-se contra forças centrípetas que pretendem esmagar. Por outro lado, essa individualização está alicerçada na ideia de competitividade e diferenciação, diferenciação essa que se encontra no consumo. Logo temos um monte de diferentes-iguais indiferentes pela sua igualdade (de consumir o mesmo produto), mas ávidos por distinção. E desse modo, essa busca não cessa, logo porque, não há tempo para acomodação de um eu, porque tem outros ‘eus’ à espera por distinção e destaque; seja pelo status de tal celular, do corte de cabelo visto no filme, da moda lançada na novela, do calçado, do carro, do vídeo game etc.

Ao falar disso L.B.E de 17:

Em nosso cotidiano, convivemos com diferentes pessoas e estamos expostos a diversas opiniões e vontades. Frequentemente, nos relacionamos com grupos totalmente opostos, e para cada um deles usamos uma máscara específica; cada um conhece um lado da sua personalidade, uma face da fantasia. É confortável agir assim. Para não arrumar confusão com ninguém, trocar de papel a cada ato da peça da sua vida. Mas é isso mesmo que queremos? Viver a vida toda interpretando alguém que não somos?

Ao representar alguém que não somos, é possível lembrar de um filme: *Substitutos*. Direção de Jonathan Mostow, Disney, 2009. Este mostra a trama de um ‘eu’ manipulando diversos ‘eus’. É a história de um futuro em que as pessoas ficavam em suas casas, trancadas em seus quartos, enquanto por meio de computadores acoplados em seus corpos por diversos

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

sensores, homens e mulheres controlam seus *substitutos*. Tais avatares não precisam ser iguais ao verdadeiro ‘eu’, que está em casa, mas sim aos diversos desejos íntimos de cada um. Havia casos de homossexuais terem como avatar mulheres loiras, morenas ou ruivas. Em outros, pessoas nos quais seu ‘eu’ verdadeiro não eram ‘perfeitos’ (rugos, cicatrizes, manchas, imperfeições físicas, baixa estatura, excesso de peso), poderiam desse modo, ter avatares substitutos que superassem essa ‘imperfeição’. Não havia nenhum tipo de relação entre os ‘eus avatares’ e o ‘eu real’. Quartos trancados, computadores e monitores somente. Era permitido às pessoas terem quantos avatares substitutos quisessem, desde que fossem numerados e registrados pelo governo. Na praia o substituto bronzado com marca de biquíni, no escritório a loira encantadora e assim por diante.

O filme transcorre dentro de um cenário, no qual um agrupamento de seres humanos sem avatares substitutos denominados sacos-de-carne resiste à dominação desses meio-seres-humanos. A opressão sobre os sacos-de-carne se dava pelos substitutos, nesse caso, policiais a mando do governo. Os avatares dos policiais controlados pelo ‘eu’ em casa limitavam, perseguiram e prendiam em outros casos matavam os sacos-de-carne. Mantinham os sacos-de-carne afastados em guetos porque não se adequaram às novas tecnologias ou porque não queriam adequar a moda da substituição. A desculpa para a instituição dos substitutos era prioritariamente a segurança.

De fato, os índices de violência caíram assustadoramente com a utilização dos substitutos, mas aumentou-se a quantidade de remédios antidepressivos. O problema eram os sacos-de-carne que descobriram uma máquina, curiosamente feita pelo criador dos substitutos para pôr fim à sua criação. O criador querendo destruir a criatura. Para isso utilizou dos seres humanos, sacos-de-carne, não adequados às regalias de ser o que não era para pôr fim ao mundo da fantasia identitária. O filme acaba com um grande vírus no sistema de controle dos substitutos onde todos ‘morrem’. As pessoas de verdade saem de suas casas para ver o que aconteceu e ‘se encontram’ no chão, ‘mortas’. A máscara da fantasia acabou e agora eles deveriam ser eles mesmos. Antes de sair do seu quarto para ver o que tinha acontecido com um dos seus ‘eus’ a câmera captura a mesa da mulher com sua quantidade enorme de antidepressivos. Assim era a vitória do ‘eu’ contra os ‘eus’ a resistência dos sacos-de-carne libertou os humanos da fantasia das máscaras identitárias e os levou para o seu verdadeiro ser. As pessoas puderam assim se dar uma nova chance de serem elas mesmas.

DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE: OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ

Esse filme ilustra de forma muito interessante, em nível macro, como se dão as relações humanas no mundo líquido moderno. Como citou acima a aluna L.S. Os avatares, os ‘eus’ que encontramos nas redes sociais, nas projeções e identificações infinitas do mundo líquido moderno são encontradas enormemente no mundo real- virtual e vice-versa. Ainda não chegamos ao ponto de colocarmos robôs para nos substituírmos na vida cotidiana, entretanto, temos já a possibilidade de construir diversos ‘eus’ para viver em sociedade, coincidentemente ou não a quantidade de antidepressivos consumidos pelos seres humanos nos últimos tempos só tem aumentado com o processo de fragmentação identitária.

Portanto, pode-se concluir que em nossa sociedade, principalmente a da comunicação de massas, da cultura e do consumo, tem sitiado esses jovens em diversas frentes apelando para muitas possibilidades de representação de si, voltando-os principalmente para o consumo. Para o bem ou para o mal centrado na ideia de diferenciação social e de status econômico, poucos jovens acenaram para uma resistência ou retraimento em relação à sua constituição, ou melhor, sua individuação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se compreender, nesta pesquisa, como se dá a constituição da identidade de jovens oriundos de uma cidade do Extremo Oeste Catarinense. A influência sofrida pelas juventudes contemporâneas é enorme, em virtude das transformações ocorridas por meio da globalização dos espaços. A influência da globalização, dos meios de comunicação mais diversos e, principalmente das redes sociais, refletem que a identidade dos entrevistados entra em crise, em declínio. Principalmente por fatores que fazem com que as juventudes contemporâneas se afastem de um *modus vivendi* de seus familiares, há, dessa forma, uma ressignificação identitária.

As relações face a face estão presas às relações virtuais, o estar junto, entre-outros, está embasado nas relações que os jovens mantêm no universo dos aplicativos de conversação, do virtual. Diversas são as tribos, diversos são os modos de se portar, se vestir, de ouvir e falar, bebe-se em diversas fontes, construindo-se como um *bricolage*, gostar e desgostar tornou-se ferramenta imprescindível para se manter vivo na enorme concorrência identitária. Além disso, notou-se também que a privacidade é algo raro.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Os grupos focais permitiram assegurar que a discussão teórica aqui apresentada converge para com o atual momento em que as juventudes vivem, a saber, uma época existencial diferente daquela das gerações passadas, quando a preocupação com um reconhecimento de si e um fazer-se reconhecer era muito mais perceptível.

Além disso, os meios de comunicação de massa, a internet, as redes sociais, os aplicativos, o consumo, a moda e as amizades de cunho *on-line*, contribuem para que “eus” multifacetados aumentem a cada dia. E isso favorece, de certa forma, a fragmentação das juventudes por todos os lados. Tem-se, dessa forma, uma identidade operante, ativada, mobilizada e orientada, juventudes que decidem ser ou não ser algo, alguém. A identidade, como vimos, não se forja de um impulso subjetivo, mas de relações travadas na intersubjetividade, na relação com o outro, no ambiente em que se vive.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Gérard. *Conhecer-se a si mesmo: crise de identidade do Adulto*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: edições 70, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009b.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BIJOS, Leila. A tempestade ou o pesadelo da globalização. *Revista Contexto & Educação*. Editora Unijuí, Ano 17, nº 65, Jan./Mar., 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

CORRÊA, Giovanna Pessanha; EUCLIDES, Rebeca de Oliveira; CUNHA, Thiago Colmenero. Cuidado, não voa tão perto do sol: considerações para trabalho projeto de vida com juventudes brasileiras. *Revista Contexto & Educação*. Editora Unijuí, Ano 37, nº 118, Maio/Agosto 2022.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Martin Claret: São Paulo, 2002.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 2002.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KAUFMANN, J-C. *A invenção de si: uma teoria da identidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: as molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: Vol. 1. Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: MartinClaret, 2005.

SINGLY, François de. *Uns com os outros: quando o individualismo cria laços*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

STRIEDER, Roque; LAGO, Clénio. Dispositivos de captura: profanação possível via formação de professores. *Revista Contexto & Educação*. Editora Unijuí, Ano 31, nº 98, Jan./Abr., 2016.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

TOURAINE, Alain. *Iguais e Diferentes: poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

**DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE:
OS DESAFIOS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS DE LIQUIDEZ**

Autor correspondente:

Jenerton Arlan Schütz

Universidade Católica de Brasília – UCB

QS 07, Lote 01, Taguatinga Sul - Taguatinga, Brasília/DF, Brasil. CEP 71966-700

jenerton.schutz@p.ucb.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

